

A paixão



Maria da Conceição preparou o penteado de dezenas de mulheres para a inauguração

Maria da Conceição Vieira conheceu Brasília aos 21 anos. Carioca, trabalhando como cabeleireira já há alguns anos, ela trocou as belezas do Rio de Janeiro pelo pó e pelos sonhos do cerrado uma semana antes da inauguração da capital federal. Preparou muitos dos penteados que no dia 21 marcaram presença na solenidade brasileira mais comentada de 1960.

“Foram sete dias de trabalho duro no Salão Soraia, na W3 Sul”, lembra. A paixão pela cidade surgiu em seguida. “Era uma época muito boa, de solidariedade, todos eram amigos”, conta a mulher, hoje com 60 anos, que várias vezes penteou os cabelos de Sarah Kubitschek e suas filhas Maristela e Márcia. E, mais tarde, foi convidada para ser a cabeleireira oficial de Maria Tereza.

A década de 60 ficou famosa pelos coques “bolos de noiva”, quando era preciso malabarismos com bombril para levantar e dar volume aos cabelos das mulheres. A moda, no entanto, não fazia a cabeça de dona Sarah, que preferia penteados soltos ou com apenas parte dos cabelos presos. “Nós íamos até o Palácio da Alvorada. Lá tinha um local com toda a infra-estrutura, com espelhos grandes. O

cabelo dela não era difícil de arrumar, até porque ela era muito simples, não fazia muitas exigências”, lembra.

As visitas frequentes à Presidência transformou o Salão em alvo constante das colunas sociais. Os colunistas, diz Conceição, costumavam procurar os funcionários do Soraia para informar-se sobre os basti-

dores do Alvorada. “Nós não dizíamos nada. Para trabalhar lá era preciso muita discrição. E, na verdade, nunca vi nada que pudesse gerar notas nos jornais”, brinca, mantendo a fidelidade aos antigos clientes.

Na campanha para o Senado, a ex-vice-governadora Márcia Kubitschek foi surpreendida, num coquetel, ao reencontrar a

cabeleireira. “Eu fui convidada e achei que ela ficou bastante emocionada quando me viu”, diz Conceição, que vez ou outra assistiu às conversas informais de dona Sarah e o presidente Juscelino.

Mais tarde foi a vez de atender a esposa de Jango. Maria Tereza era mais vaidosa e gostou tanto do talento de Conceição que a convidou para trabalhar como sua cabeleireira particular. “Eu ia ganhar um apartamento funcional, um motorista iria me buscar todos os dias em casa e eu teria que acompanhá-la em todas as viagens. Fiquei encantada, mas meu marido me proibiu”, declara, com uma pontinha de remorso.

Os coques e penteados elaborados da primeira dama fascinaram a cabeleireira carioca. “Todos diziam que eu era muito parecida com ela”, conta. Na semana em que ia entregar os papéis para ser contratada, desistiu da oportunidade. “Eu era muito dedicada à família. Talvez, hoje, agiria diferente”, comenta, sorrindo. Depois de atuar no primeiro salão de Brasília, o Soraia, Conceição, já casada com Albério, seu colega de trabalho, partiu para o negócio da família: o Salão Albério’s.

Ela trocou tudo. Até o noivo

Brasília foi uma surpresa na vida de Conceição. Uma prima, casada com um desenhista da Novacap, morava na W3 e sentia-se só. Na tentativa de amenizar a solidão convidou Conceição para vir trabalhar na inauguração da cidade. “Deixei minha família e meu noivo no Rio de Janeiro e embarquei num avião. A passagem era gratuita. Cheguei meio assustada, mas gostei”. Ao encontrar Brasília, encontrou um novo amor, e acabou o noivado com uma carta. Conceição se casou e montou um novo salão, na 305 Sul.

Muitos salões e várias histórias depois, a cabeleireira está separada do marido, mora do Sudoeste, e, só, cuida do próprio negócio: Conceição

Cabeleireiros. A família cresceu. Dos quatro filhos, um adotivo, surgiram nove netos. “Não consigo mais deixar Brasília. Minha vida, agora, está aqui”. Apesar de apaixonada pelo clima do Cerrado e pela arquitetura da cidade, Conceição diz que a capital há muito não é mais aquela que encontrou há 38 anos.

“A insegurança assusta demais e as pessoas estão muito individualistas”, diz, decepcionada, a mulher que viu no Planalto Central uma terra de sonhos, cheia de oportunidades, onde todos se ajudavam. “Tenho saudades do tempo em que os vizinhos se davam carona para ir até o Núcleo Bandeirantes fazer as compras da semana”.

MALU MATTOS

Repórter do Jornal de Brasília